

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE

ALESSANDRA ALVES TEIXEIRA

UM GRITO DE LIBERDADE:

Análise do filme *Os Sonhadores* (2003) sob uma perspectiva Marcuseana

**Belo Horizonte
2008**

ALESSANDRA ALVES TEIXEIRA

UM GRITO DE LIBERDADE:

Análise do filme *Os Sonhadores* (2003) sob uma perspectiva Marcusena

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH) como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Professora Ms. Luciene dos Santos

**Belo Horizonte
2008**

“Sinceros agradecimentos à minha orientadora, pelo estímulo e pelos votos de confiança, me permitindo finalizar este trabalho”.

“Hoje temos a capacidade de transformar o mundo num inferno e estamos a caminho de fazê-lo. Mas também temos a capacidade de fazer exatamente o contrário”. (MARCUSE, Herbert. 1970).

RESUMO

A proposta deste trabalho monográfico é analisar o filme *Os Sonhadores* (2003), do diretor Bernardo Bertolucci, segundo a ótica da obra de Herbert Marcuse, *Eros e Civilização* (1967). Em seu livro, Marcuse discorre sobre a civilização contemporânea, que segundo ele é constituída pela repressão. Marcuse fala sobre indivíduo reprimido, parte de um sistema dominante, que reprime as pulsões primárias do ser humano e que se impõem na própria consciência do indivíduo. A proposta do autor é libertar-se das repressões para dar vazão aos desejos. No filme de Bertolucci, três jovens vivem a experiência contrária à essa repressão e se libertam em plena revolução de Maio de 68 em Paris, aos prazeres de uma vida livre, ditada pelas regras que eles mesmos constituem. Vivem a experiência do princípio do prazer, explicada por Marcuse em *Eros e Civilização* (1967).

Palavras-chave: Herbert Marcuse, Maio de 68, Eros e Civilização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 O MUNDO PÓS-GUERRA.....	8
1.1 O nascimento de uma nova cultura.....	10
1.2 O indivíduo pós-moderno.....	12
1.3 A revolução de Maio de 68.....	14
2 UMA SOCIEDADE REPRIMIDA.....	20
2.1 Origens da repressão.....	22
2.2 A repressão na civilização.....	24
2.3 Arte e Imaginação.....	26
2.4 O surgimento de uma nova civilização.....	28
3 EROS E CIVILIZAÇÃO EM OS SONHADORES.....	32
3.1 Protestos na cinemateca.....	34
3.2 O poema é uma petição e uma petição é um poema.....	36
3.3 Os jogos.....	37
3.4 Repressão e mais-repressão.....	41
3.5 A revolução.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
ANEXOS.....	48

INTRODUÇÃO

Sob o título “Um grito de liberdade: análise do filme *Os Sonhadores* (2003) sob uma perspectiva Marcuseana”, este trabalho monográfico se propõe a estabelecer um paralelo entre a obra de Herbert Marcuse, escrita no ano de 1955 do século passado e o filme de Bernardo Bertolucci, lançado em 2003.

Marcuse fala de indivíduo reprimido, oprimido pelo sistema capitalista que restringe o prazer, fazendo-o abdicar-se dos próprios desejos e atuando sobre ele como uma força maior, que se impõe na própria consciência do indivíduo. Essa sociedade repressora diviniza o trabalho forçoso e o homem passa a viver inconscientemente tomado por esse preceito de que a maior parte do seu tempo deve ser dedicada à labuta. Na obra de Bertolucci, os três personagens vivem a experiência do princípio de prazer, guiada pelos próprios instintos e vontades, contrária ao princípio de realidade, e por isso, oposta à vida proposta pela sociedade industrial dominante.

No prefácio político de 1966, Marcuse demonstra um certo pessimismo em relação ao que havia escrito anteriormente, na primeira edição de seu livro. Ele nota que a sociedade adquire forças cada vez mais poderosas para controlar os indivíduos, utilizando métodos obscuros que dificilmente são notados pelo homem e assim, mina as forças que ele poderia adquirir para lutar contra essa repressão. A repressão, inclusive, é a característica principal da civilização apresentada por Marcuse.

Segundo o teórico, vivemos em uma sociedade repressora, de indivíduos reprimidos porque nossas pulsões¹ primárias de ser humano são convertidas em instintos guiados pelo princípio de desempenho, que é estabelecido pela sociedade. Os desejos que outrora eram do homem, hoje são frutos de controle social, ou seja, o indivíduo social pensa ter controle sobre suas preferências, seus hábitos, sua própria vida, mas todo este conjunto de escolhas é determinado pela lei da civilização industrial. Para explicar essa teoria, Marcuse recorre à psicanálise de Freud, explicando

¹ A palavra “pulsão” será substituída pela palavra “instinto” neste trabalho monográfico, pois traduz o significado real dos estudos de Marcuse. “Instinto” foi uma consequência da tradução da obra, no Brasil.

como o aparelho mental do homem – constituído pelo id, ego e superego - foi se transformando ao longo dos tempos e da história.

O filme *Os Sonhadores* (2003), de Bernardo Bertolucci é um convite à negação dessa civilização repressora. Os três personagens principais, Theo (Louis Garrel), Isabelle (Eva Green) e Matthew (Michael Pitt) são jovens inseridos na década de 1960, em Paris, na França, que criticam duramente o sistema. Não só criticam, mas durante vários dias eles vivem a experiência de se desligar dos acontecimentos do mundo, se permitindo a entrega dos prazeres, sem se preocupar com o trabalho laborioso (criticado por Marcuse) e com as leis estabelecidas do que é certo e o que é errado. Se entregam à arte do cinema, aos jogos lúdicos e ao prazer sexual. Ao fim dessa experiência os três jovens se unem à revolução que ficou conhecida como Maio de 68, onde milhares de pessoas manifestaram contra a sociedade que era considerada opressora, mesquinha e materialista. O Maio de 68 foi uma revolução que resultou em mudanças políticas na França e mudou completamente os rumos da sociedade do mundo inteiro, tornando-a menos preconceituosa e mais livre.

Por isso a proposta de analisar a obra de Marcuse (1967) com a obra atual de Bertolucci (2003). Mesmo com uma diferença de quase quarenta anos as duas obras conseguem estabelecer laços comuns, mesmo porque o filme de Bertolucci foi retratado na mesma década em que as idéias de Marcuse repercutiram – a primeira edição de sua obra foi escrita em 1955 – e ainda porque o próprio cineasta afirmou (2004) que a intenção ao fazer o filme era justamente alertar as gerações atuais da importância daquela década e ainda, a pretensão em despertar na juventude um sentimento de liberdade, de novas conquistas.

1 O MUNDO PÓS-GUERRA

Em sua obra *Eros e Civilização* (1967), Herbert Marcuse faz uma interpretação filosófica do pensamento de Freud a respeito da estrutura do indivíduo. Para Marcuse, é preciso levar em consideração que os estudos do psicanalista analisam o homem a partir da psicologia e dos instintos biológicos. O que o teórico faz é interpretar esta obra recolocando as questões freudianas, a partir da civilização repressiva. A sociedade sessentista era repressiva, embora a década tenha sido auge das manifestações político-culturais da esquerda e de movimentos excluídos e marginais que surgem, a princípio na Europa e logo se expandem para outras regiões do mundo. Porém torna-se necessário, antes de adentrar à análise de Marcuse, contextualizar sua obra com as mudanças que vinham ocorrendo, desde o pós-guerra.

O historiador Eric Hobsbawm (1994) considera que a partir de 1950 – cinco anos após o fim da Segunda Guerra Mundial – é que essas mudanças tomam profundidade. Segundo o historiador, após o fim da guerra todos os países do globo pareciam querer reorganizar-se. Recuperar-se dos danos causados por anos de conflito e estabelecer uma nova economia e uma nova política. As duas grandes potências que se formaram – Estados Unidos e União Soviética – dominaram a economia mundial. A primeira, ao término da guerra atingiu quase dois terços da produção industrial e a segunda obteve a taxa de crescimento econômico maior que de qualquer outro país ocidental. Os países europeus e asiáticos agora tornavam-se dependentes da força econômica americana ou soviética para reorganizarem-se. Neste caso, havia, de um lado, a superpotência capitalista e de outro, o socialismo russo. A ameaça socialista e sua extensão internacional provocou uma nova guerra, a chamada Guerra Fria, onde as ideologias capitalistas e socialistas se opunham. O mundo ficou dividido de um lado com a Europa Ocidental, a América Central e do Sul sob influência cultural, ideológica e econômica estadunidense, e a maior parte da Ásia e o leste europeu, sob domínio soviético. Hobsbawm (1994) pontua a era do automóvel como um dos pontos marcantes da expansão do capitalismo, atingindo o pólo de domínio americano. Há

muito, ela havia chegado à América do Norte, mas agora se espalhava por todos os outros continentes.

O modelo de produção em massa de Henry Ford espalhou-se para indústrias do outro lado dos oceanos, enquanto nos EUA o princípio fordista ampliava-se para novos tipos de produção, da construção de habitações à chamada *junk food* (o MC Donald's foi uma história de sucesso pós-guerra). Bens e serviços antes restritos a minorias eram agora produzidos para um mercado de massa, como no setor de viagens a praias ensolaradas. [...] O que antes era um luxo tornou-se o padrão de conforto desejado, pelo menos nos países ricos: a geladeira, a lavadora de roupas automática, o telefone. (HOBBSAWM, 1994, p.259)

Produtos antes inimagináveis também começavam a surgir por volta desses anos que ficaram conhecidos como “anos dourados”. E não só a classe mais rica se beneficiava dessa tecnologia. Mesmo que em menor medida, esse *boom* inovador também passava a fazer parte do mundo dos mais pobres. Até aí, a onda do capitalismo parecia trazer apenas benefícios: além das invenções, ele introduziu um novo modo de vida, mais prático, de alcance para todas as classes, com índice de consumo que estimulava a produção e índice de produção que estimulava a geração de emprego. Os problemas que o perseguiram nos anos pré-guerra pareciam não existir. Para Hobsbawm (1994) era surpreendente explicar o triunfo extraordinário de um sistema que durante anos parecera à beira de uma ruína.

Em sua biografia (2002), o historiador conta que viveu uma época bastante próspera na década de 1960. Para ele, que viveu a Grande Depressão, viu cair a bolsa de Nova Iorque e os anos durante e após a segunda guerra mundial, os anos 60 eram como uma escada rolante. A geração dos seus pais, além de ter passado por momentos difíceis, de instabilidade política e financeira, ainda não contava com a praticidade e o fácil acesso à tecnologia. Já a juventude sessentista, acostumada com a boa vida que a “era do ouro” lhes oferecia, tinha o tempo livre para ler, ir ao cinema e comprar discos de rock. Carlos Alberto Pereira (1983) adianta que é exatamente esse segmento social, que tinha pleno acesso aos privilégios, oportunidades nos sistemas de ensino e no mercado de trabalho, que começa a rejeitar o sistema.

Fica claro, até aqui, que o país modelo de desenvolvimento para os países do Terceiro Mundo, era os Estados Unidos. Mas, depois do auge, o capitalismo

começava a experimentar sinais de crise. À medida que os anos iam passando, uma nova geração – que não experimentara os anos da guerra, conhecendo-a apenas na história – ajustava suas expectativas ao que presenciara no presente: pleno emprego, altos salários e benefícios. Agora, sobrava mão-de-obra. Na época do *boom* a maioria dos países ricos abriram a porta de suas empresas para abrigar trabalhadores estrangeiros, e por ora, tudo estava sob controle, mas desta vez a demanda crescia cada vez mais e passava a ser superior à oferta. No auge do desenvolvimento tecnológico, parte da sociedade se opõe à racionalidade científica que vinha se instituindo e tenta redefini-la desenvolvendo outras formas de percepção. Pereira (1983) faz uma observação em relação a essas mudanças e pontua que os jovens eram o espírito dessa revolução, mas não estavam de todo, sozinhos. Havia ainda a força dos antigos esquerdistas, alguns teóricos e aqueles que se sentiam excluídos do sistema.

A sociedade com a qual esse grupo se defrontava era marcada pela busca de um máximo de modernização e racionalização. Os aspectos humanos e sociais eram inferiores aos objetivos que o sistema queria alcançar. Nesse ponto, são os jovens que tentam estabelecer através de uma revolução cultural, novos sentidos para a humanidade, repensando o homem como um ser livre, individualizado, sem estar preso a dominação da tecnocracia.

1.1 O nascimento de uma nova cultura

A movimentação em busca de um novo modo de se viver em sociedade, rejeitando o sistema que vinha se impondo, ficou conhecida por contracultura. A contracultura se refere, nas palavras de Luís Carlos Maciel (apud PEREIRA, 1983), “a um conjunto de manifestações culturais que floresceram em vários países durante os anos 60, que se opunham à cultura convencional vigente e oficializada pelas principais instituições”. Segundo Maciel, ela foi resultado da nossa própria história. Ele afirma que desde a infância ficam estabelecidas determinadas regras que devemos seguir para

viver em sociedade. Dentro de casa, na escola, no trabalho. O comportamento do indivíduo é pautado pelo o que ele chama de cultura herdada, no caso, um grande erro. Primeiro, é preciso entender que não há cultura a rigor. Ele afirma que a cultura pode ser distinguida como diferentes leituras do mundo, podendo ser criada, inventada. Por assim ser, não existe uma cultura que seja mais objetiva ou verdadeira que outra.

O nascimento da contracultura se deve às próprias doenças da cultura tradicional. Outros teóricos já haviam falado sobre esse fator da sociedade moderna, mas de diferentes maneiras. Karl Marx, por exemplo, chamou de “alienação”. Para o psicanalista Sigmund Freud, esse ruído social era chamado “neurose”. Agora, os sintomas dessa doença começavam a se manifestar e aqueles que se sentiam atingidos, procuravam canalizar suas energias para a cura desse mal. A fonte instintiva era, sem dúvida, a visão juvenil.

As formas de contestação eram diversas. A música foi uma delas. O *rock* foi adotado por praticamente todos os grupos que faziam parte da contracultura. Pereira (1983) fala de *Jimmy Page*, *Janis Joplin*, *Bob Dylan* e *Rolling Stones* como os ídolos daquela geração. As letras de suas músicas falavam sobre o amor reinando sobre os homens, a busca pela paz, o fim das guerras, sonhos, libertação e “viagens” alucinógenas. Não se tratava de o surgimento de um novo estilo de música, apenas. O significado que o *rock* teve, por tudo que conseguiu expressar, pelo envolvimento social que provocou, constituiu-se em uma das principais vertentes da nova cultura. Vários festivais ocorreram nessa época, como o Festival de *Monterey* e o de *Woodstock*, que foram marcos na década, por desafiar tudo que antes, era tradicional. Em *Woodstock*, meio milhão de pessoas formaram uma comunidade onde o lema era “é proibido proibir”, e durante três dias, ele representou a idealização da utopia do *peace and love*. Esses revolucionários, adeptos da contracultura, formavam um grupo que se intitulava *hippies*.

Para os hippies, cair fora dessa camisa-de-força ocidental significava ganhar um outro lugar, fugindo então simultaneamente ao cerco do espaço físico, institucional e lógico (...). Para a opinião pública de classe média, são pessoas marginais, na sua maioria viciada em drogas. Para eles próprios, aquela nova forma de vida significava uma fuga da máquina e uma volta à natureza, vivendo do próprio trabalho quase sempre manual. (...) e tanto o misticismo quanto a

droga constituíam-se numa forma de oposição ao racionalismo dominante nas sociedades tecnocráticas. (PEREIRA, 1983. p. 83 e 85).

Pereira (1983) descreve que além do gosto pelo *rock* e pelas drogas, eles tiveram um papel fundamental, que se opunha a tudo antes socialmente ditado. Os cabelos dos *hippies* eram compridos, as roupas coloridas e exóticas, e por onde passavam despertavam estranheza com seus trejeitos extravagantes. As drogas eram o grande triunfo desta tribo que pregava um novo modo de vida. Fundamentalmente, eles buscavam novas apreensões da realidade, questionando antigos valores e buscando descobrir o significado internalizado do próprio ser.

1.2O indivíduo pós-moderno

Para entender o íntimo da revolução cultural que mudou a visão de mundo e a percepção de realidade de diversos jovens a princípio, e depois redimensionou as sociedades contemporâneas, recorremos à Stuart Hall (1992), que relaciona as transformações do mundo moderno com a descentralização das identidades culturais. Em sua análise sobre a sociedade pós moderna e os reflexos do sistema no indivíduo, Hall explica que as mudanças desse novo período simplesmente libertaram o indivíduo de seu apoio estrutural, o que não significa que antes, esses indivíduos não possuíssem identidade, mas que ela era sempre, associada à fatores ligados à família, tradição ou religião. O teórico diz, por exemplo, que no período medieval, se acreditava que um indivíduo era o que era por vontade divina. O Iluminismo do século XVIII representou uma ruptura com esse passado, quando a razão humana passou a ser considerada o grande triunfo e os dogmas e preceitos da Igreja foram abortados. Porém, à medida que os anos avançavam essa soberania conquistada pelo homem, de indivíduo racional, dono de sua própria identidade, foi ganhando um aspecto mais coletivo.

Hall (1992) afirma não saber de fato, se a modernidade foi a única responsável por essas transformações, mas as leis da economia, da política, da

propriedade, enfim, do capitalismo, eram para todos, portanto diziam respeito a várias identidades. Esta dualidade entre o homem, agora visto como criador do próprio ser e indivíduo social provocou um paradoxo entre “interior” e “exterior”, resultando em um quadro de novas descobertas. Começava a emergir nos movimentos estéticos e intelectuais a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado como um ser anônimo entre a multidão.

Para Hall (1992) cinco grandes avanços contribuíram para uma reformulação na produção das teorias sociais, naquele momento. O primeiro refere-se a reinterpretação dos escritos de Karl Marx. Sua obra pertence ao século XIX, mas durante os anos 60, seus textos foram revistos pelos teóricos que simpatizam com sua produção teórica. “Homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” (MARX apud HALL, 1992). A frase foi entendida pelos neomarxistas daquele tempo como se o indivíduo não pudesse ser autor de sua história, podendo agir somente com base nas tradições ou naquilo que lhe foi herdado. O segundo avanço veio da descoberta do inconsciente por Freud, que quebrou o conceito da razão. Para o psicanalista, a identidade é algo formado ao longo dos anos, com o aparecimento de novos desejos, fantasias, descobertas. O terceiro avanço – que Hall (1992) também chama de descentramento – está relacionado com o trabalho de Ferdinand de Saussure. O lingüista diz que não se pode usar a língua para produzir significados apenas limitando-se aos sistemas de nossa cultura. Já o quarto descentramento ocorre no trabalho de Michel Foucault, que desenvolve uma teoria de que a sociedade moderna submeteu-se ao que ele chama de “poder disciplinar”. Este poder consiste em manter a vida do indivíduo sob estrito controle do regime. Por fim, Hall cita o último avanço desses estudos quando fala sobre o aparecimento do movimento feminista. Para ele, o feminismo teve uma relação direta com as transformações da identidade cultural na pós-modernidade, quando questionou a distinção entre o público e o privado, transformou questões como família, sexualidade, divisão doméstica e trabalho em questões políticas, e principalmente, quando questionou que homens e mulheres eram parte da mesma identidade.

Todos esses fatores estão intimamente ligados ao termo globalização, que é produto da modernidade tardia². Ao colocar em xeque o descentramento da identidade cultural, Hall (1992) fala sobre as novidades que chegavam com facilidade aos quatro cantos do planeta. A globalização trouxe para as aldeias mais remotas, mensagens e imagens da cultura rica, consumista, o *American Way of Life*. Ele explica que, quanto mais a vida social é medida pelo mercado global de estilos, mais as identidades se tornam desvinculadas. E então, buscam ser livres, independentes de laços familiares, religiosos ou tradicionais.

A continuidade e a historicidade da identidade são questionadas pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais. Os confortos da Tradição são fundamentalmente desafiados pelo imperativo de se forjar uma nova auto-interpretação, baseada nas responsabilidades da Tradição cultural. (ROBINS apud HALL, 1992, p. 84).

Foi exatamente este processo que aconteceu durante a década de 60, quando houve um desmembramento das tradições e culturas oficializadas para buscar-se novas identidades culturais. Hall (1992) a chama de cultura híbrida, a terceira consequência da globalização.

1.3A revolução de Maio de 68

Assim como no surgimento do capitalismo, Marx via na classe operária a base para uma revolução, Luís Carlos Bresser (1972) via na Revolução Estudantil o meio para a transformação. Bresser afirma que não haveria possibilidade de se fazer revolução com a classe operária, porque esta encontrava-se acomodada pelas novas leis trabalhistas que garantiam, dentro do sistema, sensação de conforto e bem estar, como se estivesse amparada pelo Estado. A classe universitária e de intelectuais não

² A modernidade constitui-se como uma mentalidade que surge na Europa do século XV e se consolida no século XVIII, colocando o homem no centro de todas as expectativas e reconhecendo uma racionalidade instrumental partidária do homem como sujeito produtor de conhecimento. A modernidade tardia são os reflexos dessa nova visão de mundo que chegam para as áreas exteriores à Europa e determinam transformações de ordem social, política e econômica.

comprometidos era a atual classe revolucionária. A sua ideologia criticava a sociedade industrial moderna baseada em fatos históricos renovados. A insatisfação não partia apenas da crítica ao capitalismo, como em Marx, porque dos tempos do Manifesto Comunista até 1968, a história da humanidade trouxera novos fatos que se tornaram causas da revolução estudantil. O motivo de insatisfação não se baseava, agora, nos problemas econômicos e de classe que o capitalismo havia gerado no século passado. Na medida em que o sistema avançava, a ordem da globalização se instalava.

Para Bresser, o fato não consiste em dizer que a teoria de Marx é utópica, mas simplesmente que ela não se aplica ao mundo moderno. A classe operária da década de 1960 já considerava-se parte da ordem estabelecida e não pertencia à base da pirâmide social. Quem constituía o fim da escala social eram os trabalhadores rurais e a população marginal das cidades. Poder-se-ia dizer então, que se houvesse revolução, esta poderia obter participação da classe operária, mas não seria ocasionada por ela. Bresser afirma um dos porquês dos estudantes serem a base dessa revolução, quando coloca fatores históricos que se refletiram na sociedade daquele tempo, mudando os rumos da educação e da individualidade:

Pais e mestres perderam a oportunidade de transmitir sua mensagem a filhos e discípulos não apenas devido à revolução na educação no sentido da independência e da responsabilidade (primeiro fato histórico novo), e à desintegração da família e da sociedade tradicional, dentro da qual a autoridade possuía bases sólidas (segundo fato histórico novo), mas também porque em face à crise do racionalismo (terceiro fato histórico novo), eles não têm mais uma mensagem precisa e definida a transmitir. E assim a confusão e a dúvida dos mais velhos, que não conseguem mais estruturas de forma aceitável para eles mesmos, suas idéias a respeito do mundo e muito menos logram justificar esse mundo perante os jovens – vêm reforçar a independência e a revolta estudantil. (BRESSER, 1972, p. 174 e 175).

Além dos novos rumos que colaboraram com a revolta da classe estudantil, existe ainda o fator mais agravante: a oposição à sociedade industrial, que para Bresser, é o aspecto mais forte, que legitima chamar o ano de 1968 de revolução. No início do mês de maio deste mesmo ano, o historiador Eric Hobsbawm (2002) conta que estava em Paris, em uma conferência comemorativa do sesquicentenário do nascimento do pensador Karl Marx, quando, ao passear pelas ruas, viu-as tomadas de estudantes que faziam manifestações. Em menos de dois dias, aquela rebelião

estudantil tomou força e transformou-se em uma greve nacional de operários. Era a revolução que ficou conhecida como Maio de 68.

Toda a movimentação já relatada, desde o início da década de 50, ou seja, as mudanças trazidas pelo novo modo de vida, seja pelo capitalismo completamente enraizado no mundo, seja a “era de ouro”, o nascimento de novas identidades culturais ou a globalização, vieram a tona e explodiram no ano de 1968. Mais precisamente, em Paris. Telênia Hill (2005) explica que na França o estopim para a revolução foi o descontentamento dos alunos universitários com o poder divino professoral. Os jovens franceses lutavam, basicamente, por duas coisas: buscavam a causa do mal estar estudantil, inserido num modelo semifeudal, arcaico, que priorizava a escolha por determinadas carreiras; e ainda, a principal razão, manifestavam-se contra a mesquinha da vida burguesa, considerada medíocre, repressora e opressiva. O movimento estudantil na visão da autora expôs as dicotomias e exclusões implícitas no sistema capitalista.

A revolta, originariamente estudantil, serviu de detonador para um protesto contra o que a sociedade industrial estava operando com sua “riqueza”, com sua “técnica” e sua “organização”, mascarando a miséria e muitas desigualdades e conflitos. Se não pode dizer que o movimento de 68, não constituiu, na França, uma crise política ou econômica, ao menos fez vir à tona os contrastes entre uma classe dominante e uma massa explorada e oprimida. É o desmascaramento do mito da racionalidade e dos detentores do poder. (HILL, 2005, p.6).

Para Hobsbawm (2002), aquele mês de maio era uma revolução que envolvia interesses políticos, mas em sua opinião, o que estava em jogo era mais pessoal que realmente os antigos esquerdistas desejaram anos atrás, quando saíam às ruas para pregar a favor do comunismo. Segundo o historiador, 1968, foi um momento no qual os jovens sentiam-se densamente envolvidos em prol de uma causa que lutava por escapar coletivamente das leis do Estado, dos pais e do passado. Eles rejeitavam a ordenação histórica há muito estabelecida das relações humanas em sociedades. Não por acaso, um dos principais *slogans* do movimento era “é proibido proibir”. A mudança que aquela rebelião pretendia provocar era trazer um mundo novo, que combatesse a repressão – como dizia um dos principais padrinhos da causa, o teórico Herbert Marcuse.

Hill (2005) destaca a participação das idéias de Marcuse sobre o movimento estudantil ao lembrar que a maioria dos envolvidos eram leitores de sua obra. Karl Marx, Mao Tse Tsung, Walter Benjamin, Althusser, Hobsbawn, Adorno e Mitchell também constituíam o rol de leitura daqueles estudantes. A visão de mundo trazida pela maioria destes autores era de que esses jovens eram, agora, parte de uma nova ordem, que há anos vinha se constituindo pela repressão do indivíduo através do poder: a sociedade industrial – ou capitalista.

Não só pela leitura esse segmento social tornou-se crítico, mas sim pela própria experiência de ser parte do que se formava. Podiam sentir as desigualdades que essa ordem estabelecia, sentiam-se vítimas de uma sociedade de consumo que era sustentada pelo aparente bem estar de cada indivíduo. Por trás das inovações tecnológicas, da praticidade e da riqueza do novo mundo, o novo sistema conseguia mascarar de forma discreta, as mazelas dos marginalizados, a miséria, a desigualdade e os conflitos sociais que se formavam.

O Maio de 68 ficou mais conhecido na França, mas repercutiu em várias sociedades do mundo. Em sua análise sobre o valor histórico da Revolução, Hill (2005) observa que no Brasil dessa época, havia um descontentamento óbvio em relação às autoridades políticas. Além disso, os estudantes também passavam por vários “golpes do poder” que caracterizavam essa sociedade reprimida, descrita pelos teóricos. Na época da ditadura militar, tentaram abolir as universidades públicas, criaram-se taxas internas que antes não existiam, atrasaram salários de professores, o que ocasionava greves, fechamento de laboratórios, um verdadeiro caos.

Um dos acontecimentos marcantes, relacionado a esse quadro, ficou conhecido como Marcha dos Cem Mil, quando no dia 26 de junho de 1968, estudantes, professores, artistas e mesmo religiosos, saíram às ruas em passeata para protestar contra a violência. A manifestação era em nome da paz e da liberdade. Assim como na França, a maioria dos manifestantes pertenciam à classe média, e eram os mesmos que anos antes participaram da Marcha da Família³, em 1964.

³ A Marcha da Família aconteceu em março de 1964, por famílias de classe média de São Paulo que se opunham ao governo constitucional do presidente João Goulart. A notícia que se espalhava pelo país era que o presidente pretendia instalar o comunismo no Brasil. Neste mesmo ano instalou-se o golpe militar.

A Marcha dos Cem Mil foi um sucesso, reuniu a mídia, uma multidão enorme, mas não resultou em mudança alguma - como as manifestações francesas provocaram na Europa. O que se viu depois foi uma grande apatia. Outras marchas ocorreram, mas sem a mesma ocorrência. O número de pessoas foi menor e não causou impacto, além disso, o medo da represália era cada vez maior, é tanto que em dezembro deste mesmo ano foi instaurado pelo então general presidente Costa e Silva o Ato Institucional número 5 (AI-5), que fechou o Congresso Nacional por prazo indeterminado e recrudescu ainda mais a censura.

Para Hill (2005), tanto na França quanto no Brasil, a revolução de 1968 resultou em poucas mudanças. Mas a principal delas foi, talvez, o fato da sociedade industrial ter sido denunciada como repressora e ter nascido um ideal de mudança e transformação da ordem em algumas pessoas. A conquista alcançou grandiosidade no que diz respeito aos valores sociais, como a decadência da opressão familiar e religiosa, surgindo uma sociedade mais autônoma e menos reprimida. Hill faz uma interpretação da contemporaneidade a partir de Edgar Morin, que afirma nada ter mudado nos dias de hoje, após a revolução de 1968, mas que a partir daquela data, passou-se a notar que a sociedade carecia de um embasamento seguro.

Marca-se o fim do mito eufórico de uma sociedade industrial racional, que teria competência para solucionar os problemas da humanidade. A fragilidade do subsolo tem sido alimentada pelas ameaças diversas que agem sobre o mundo, sobre a humanidade; não são ameaças apenas econômicas, mas de fome, degradação ecológica, de barbárie técnica e, evidentemente de guerra nuclear ou não. Tem-se a sensação difusa de que a vida do dia-a-dia tem algo de minado, de frágil. (HILL, 2005, p.8)

Com essa constatação argumentativa, a estudiosa parece demonstrar necessidade de mais transformações no âmbito social. Ela vê o Maio de 68 como um bom princípio, pois se não houve mudança brusca no sistema houve mudança na maneira de pensar. É como se tivesse nascido uma outra forma de interpretar e enfrentar o capitalismo. Percebe-se a partir de então, que os adventos tecnológicos, as facilidades, o *American Way of Life*, não são apenas benéficos, mas sim uma forma de controle, de alimentar o indivíduo para a essa cultura consumista. Hill (2005) afirma, enfim, que o movimento serviu para alertar às novas gerações para as dificuldades que

a humanidade enfrentará para sair da idiotia e da alienação e a partir da politização a cotidianidade poderá passar a se ocupar de causas coletivas.

2 UMA SOCIEDADE REPRIMIDA

Essa sociedade inserida na apatia e idiotia, manipulada pela cultura consumista que vinha se instalando aos poucos, desde a Revolução Industrial no século XVIII até, gradativamente tomar proporções mundiais principalmente depois da segunda grande guerra é o objeto de análise de Herbert Marcuse, na obra intitulada *Eros e Civilização* (1967). Marcuse faz uma crítica filosófica aos escritos de Freud à respeito do indivíduo em si e o indivíduo inserido em sociedade. Para ele, a análise torna-se necessária a partir do princípio de que o psicanalista observa o homem inserido apenas no contexto biológico, extraindo as questões históricas de evolução. O que o teórico faz é recolocar as questões freudianas na década de 1960, auge das manifestações políticas pelo mundo inteiro.

Em *Eros e Civilização* (1967), Marcuse começa pela afirmação de Freud de que a história do homem é a história de sua repressão. Para o psicanalista, a explicação para isso está na própria estrutura instintiva do ser. Partindo dos tempos primórdios, Freud observa que a espécie humana converte os impulsos animais em instintos humanos sob a influência da realidade externa. Segundo a tese por ele apresentada, os impulsos não poderiam se perpetuar, pois eles entram em conflito com o meio natural. Desse modo, o comportamento guiado pelas pulsões primárias não deve se perpetuar: a satisfação integral de necessidades deve ser inibida. É o que ele chama de princípio de prazer e princípio de realidade. O primeiro, guiado pelo inconsciente, corresponde aos mais remotos processos primários. Oposto a ele está o princípio de realidade, que, segundo Freud, supera o primeiro, já que existe uma renúncia ao que pode ser incerto e destrutivo. Não se pode viver segundo o princípio de prazer, porque não haveria ordem. Se vivemos em sociedade, estamos cercados por uma cultura que determina normas e éticas de convivência, estabelecendo assim uma determinada ordem. Portanto, não restam escolhas ao indivíduo social a não ser habituar-se a viver pelo princípio de realidade, o que, de acordo com Marcuse, gera a repressão.

Marcuse (1967) considera que o próprio contexto histórico é culpado pela repressão da sociedade. O capitalismo que preconiza inovações tecnológicas, produções em série, intensa atividade intelectual, privilegia o trabalho físico e coloca em plano inferior outras necessidades humanas guiadas pelos instintos naturais da espécie. O indivíduo então, torna-se produto do meio, e passa a viver sob o chamado princípio de realidade, que segundo o teórico, conferindo historicidade, passa a se chamar princípio de desempenho – estágio em que o indivíduo já está automaticamente integrado à sociedade opressora. Marcuse (1967) ainda observa que, alienado por este sistema, que sugere como o indivíduo deve se comportar e quais são suas necessidades, o mesmo está fadado à uma noção superficial de bem estar. A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade é vista como o grande trauma no desenvolvimento do gênero humano. Os desejos inconscientes orientados pelo princípio do prazer, tal como as demandas da libido, são pulsões reprimidas pelo princípio de desempenho. Segundo Freud, essa contenção é imposta e mantida pela sociedade desde muito tempo, pois como ele mesmo explica é uma questão:

[...] econômica; como não tem meios suficientes para sustentar a vida de seus membros sem trabalho por parte deles, [a sociedade] trata de restringir o número de seus membros e desviar as suas energias das atividades sexuais para o trabalho. (FREUD apud MARCUSE, 1967, p. 37).

Alienados ao trabalho, corpo e a mente passam a ser parte de uma repressão. Segundo Marcuse (1967), a distribuição do tempo desempenha papel fundamental para que se entenda esse fator. Para ele, o homem só existe em uma parcela do tempo, a qual não está tomado pelos afazeres da rotina opressora. Se o dia tem 24 horas e o indivíduo trabalha 8, sendo que 2 horas são gastas para ir e voltar ao trabalho, ou mesmo que seja com o pensamento na tarefa a ser completada, some-se a isso as necessidades biológicas do sono – mais 8 horas – e as necessidades de alimentação – mais 2. O resultado são 20 horas para cumprir as tarefas impostas e apenas 4 horas restam para que ele se importe com seu próprio prazer. Contudo, toda essa energia acumulada para a labuta é vista como essencial para sustentação e enriquecimento na vida do indivíduo. Assim, para o autor:

Atuam sobre o indivíduo como leis objetivas externas e como uma força internalizada: a autoridade social é absorvida na “consciência” e no inconsciente do indivíduo, operando como seu próprio desejo, sua moralidade e satisfação. No desenvolvimento “normal”, o indivíduo vive a sua repressão “livremente” como sua própria vida: deseja o que se supõe que ele deve desejar; suas gratificações são lucrativas para ele e para os outros; é razoavelmente e, muitas vezes, exuberantemente feliz. (MARCUSE, 1967, p. 59)

O teórico observa ainda, que até o tempo que deveria ser dedicado ao lazer é controlado por essa sociedade repressora, a partir do pressuposto de que é posto no mercado aquilo que se acha devido. O poder repressor não deve consentir tempo livre ao indivíduo, pois se assim fosse, este desenvolveria condições para questionamentos.

2.1 Origens da repressão

Na construção freudiana, o homem é produto da repressão desde o surgimento do primeiro grupo social. Herbert Marcuse (1967) cita o que Freud chamou de “herança arcaica”, a responsável, desde o princípio, pelas diretrizes do comportamento humano. Segundo Freud, as três instâncias que integram o aparelho mental do indivíduo são constituídas pelo que ele define por id, ego e superego. O id são os processos primários, abriga as pulsões determinadas pelo inconsciente, enquanto que o ego surge como uma variação do id, a partir das modificações do meio externo, uma espécie de consciência moral. O superego surge como o responsável por exercer o controle punitivo sobre o ego, controlando as pulsões restantes do inconsciente. Todos esses processos são parte da herança arcaica, que constituem o aparelho mental do indivíduo e trazem consigo um legado de dominação.

Marcuse (1967) recorre à Freud, em *Moses end Monotheism*, no momento em que o psicanalista relata que na horda primordial, o princípio da dominação começou pelo pai. O pai começa por monopolizar para si a mulher (o prazer supremo) e subjuga os outros membros da horda ao seu poder, causando diferença e sublimação. O trabalho fica então, imposto para aqueles que não se beneficiavam com a atividade prazerosa – destinada ao pai – e as pulsões instintivas dos outros membros ficaram

canalizadas para as atividades desagradáveis, porém, necessárias. Marcuse (1967) observa que, é legítimo dizer que essa ordem é “racional” na medida em que estava ali estabelecido um modelo de desenvolvimento de civilização, já que na posição de pai, estaria justificada a concessão de poder, por ter sido ele, o responsável pela própria horda. Mas, por mais que a dominação fosse efetiva, Freud assinala que não deixou de causar ódio por parte dos filhos dominados. Esse ódio culmina na rebelião dos filhos exilados que se revoltam e decidem matar o pai, para obter os mesmos prazeres à ele destinado. Arrependidos, são tomados pelo remorso e culpam-se pelo que já havia sido feito, mas percebem que se quisessem continuar vivendo em grupo, teriam que renunciar ao que buscavam, já que todos queriam a mesma coisa. É aí, que segundo Freud, nasce a primeira renúncia ao instinto. Vendo que seria impossível a vida coletiva com todos os membros sendo guiados apenas pelos desejos do prazer, e instituídos de sentimento de culpa pela morte do pai, eles reconhecem as obrigações e renunciam aos instintos primários.

No sentimento de culpa gerado pela morte do pai, identifica-se o superego, que é responsável pelo controle punitivo das ações do id. Percebe-se então, que os filhos agiram guiados pelo id, que são os instintos primários do princípio do prazer. Mais tarde, o superego agiu sobre estes instintos instituindo o princípio de realidade, pois os filhos, vendo que seria impossível conviver em sociedade com todos os membros desejando apenas os impulsos prazerosos, começam a se subdividir e realizar os trabalhos penosos. Segundo o autor (1967), essa é uma característica marcante na civilização contemporânea, pois o indivíduo, vendo que não pode viver segundo o princípio de prazer, passa a realizar-se através do princípio de desempenho, voltando sua energia vital não para o prazer sexual, mas para a atividade laboral. Em relação ao trabalho, que agora passa a ser a base de toda a civilização, Marcuse afirma:

O trabalho básico, na civilização, é não libidinal, é labuta e esforço; a labuta é “desagradável” e por isso tem de ser imposta. “Pois que motivo induziria o homem a colocar a sua energia sexual a serviço de outros fins, se pelo seu uso podia obter um prazer inteiramente satisfatório? Ele nunca se afastaria desse prazer nem realizaria maiores progressos”. (MARCUSE, 1967, p. 86)

Mas é neste ponto que Marcuse (1967) toca quando afirma que a civilização industrial busca o progresso. Então seria dicotômico deixar seus indivíduos livres para viver seguindo suas pulsões primárias. A sociedade que estabelece ordem não quer e nem pode deixar seus indivíduos livres para realizar apenas trabalhos prazerosos, já que buscam o progresso e o desenvolvimento. Estando a sociedade atual inserida num sistema de capitalismo, que preconiza descobertas e avanços tecnológicos, o progresso através do trabalho do homem se resume na dialética da civilização.

2.2 A repressão na civilização

Marcuse (1967) concorda com Freud no tocante à tese da horda primordial. Existe sentimento de culpa no momento em que, pensando em desfrutar os mesmos prazeres do pai, os filhos se rebelam e decidem matá-lo, porém explica que conforme a sociedade evolui, evoluem também os agentes sociais. Marcuse explica que no progresso da civilização aquele que antes era apenas um – o pai – multiplica-se e transforma-se em superiores, diretores, chefes de departamento. Assim, a revelia não é contra um, mas contra vários, que não pode se converter em sentimento de culpa porque seria a repetição do crime supremo (contra o pai), desta vez, contra a ordem sábia que garante aos indivíduos os bens e serviços para a progressiva satisfação das necessidades humanas.

Marcuse (1967) pontua que a repressão é continuamente reproduzida após a morte do pai primordial. Inserido dentro da nova civilização, que perpetua regras para que todos os indivíduos possam fruir do prazer antes destinado somente ao pai, o ser social passa a viver sob o princípio de desempenho, tornando-se vítima do sistema dominante. Para o teórico, o pai primordial é um arquétipo da sociedade opressora, e os filhos são a reação em cadeia da dominação que irá determinar a história da civilização. Ontogeneticamente a dominação tem início na infância, quando os pais impõem um princípio de realidade, ensinando a seu filho a maneira de se portar, a diferença entre o correto e o errado, o que pode ser ou deve ser feito, o que é bom e o

que é prejudicial. Quando esta criança abandona o seio familiar, a dominação se transfere para o âmbito institucional, determinando o *status quo* a ser seguido.

A hierarquia de funções e relações na fase adulta adquire a forma de razão e a restrição passa a ser agora uma função e resultado natural. Marcuse (1967) fala sobre as próprias relações entre homem e mulher, nas quais estabeleceu-se que ambos devem honrar compromisso com fidelidade e romance. Ele atribui esse fator à força que a televisão, o rádio e os diversos veículos de comunicação mantêm dentro da civilização. Se antes a família era responsável pela formação do indivíduo, hoje, seu comportamento é pautado pelo o que a sociedade repressora oferece por certo. À medida que a civilização foi progredindo, o conflito pai-filho deixou de constituir o conflito modelo. Marcuse retoma à Freud, e pontua que essa mudança atingiu imediatamente o ego do indivíduo, que agora, passa a ter não somente a família, mas vários agentes que ajudam a reprimir os instintos do id. Escola, trabalho, veículos de comunicação, são alguns novos agentes citados pelo autor:

Ainda no nível pré-escolar, as turmas, o rádio e a televisão fixam os padrões para a conformidade e a rebelião; os desvios do padrão são punidos não tanto no seio da família, mas fora e contra a família. Os especialistas dos meios de comunicação com a massa transmitem os valores requeridos; oferece o treino perfeito em eficiência, dureza, personalidade, sonho e romance. (MARCUSE, 1967, p. 97)

Desse modo, Marcuse (1967) afirma que a família não teria condições para competir. O indivíduo civilizado está moldado pela dominação. O resultado disso é que nestes novos tempos, quem parece representar o princípio maduro da geração não é mais o pai, e sim o filho. Desaparece a imagem do pai e entram as imagens das instituições. Aquele que antes poderia ser o culpado pela repressão agora é uma imagem viva da apatia. Os chefes, patrões, cruéis ou benévolos, agora se escondem por detrás das instituições. Marcuse discorre sobre a racionalização do mecanismo produtivo para afirmar que tudo parece estar no anonimato. Não existe mais a exploração do trabalho, como existiu na Inglaterra, em tempos de Revolução Industrial. O advento da tecnologia permitiu alta produtividade com menos horas de trabalho e nível satisfatório de eficiência. O sistema é suficientemente organizado para não

permitir que haja aparente revelia por parte dos dominados. Por isso a sensação de bem estar.

Diferente de alguns teóricos da Escola de Frankfurt, que se opunham à reprodução em massa, o autor se contrapõe não aos processos de mecanização e reprodução, mas sim ao acobertamento da liberdade, escondida através da cultura consumista e a aparente felicidade. Marcuse (1967) repele essa manipulação por meio da oferta de produtos práticos que definem à sociedade a maneira de se viver. Para ele a civilização está vendendo sua liberdade de escolha e seu tempo livre.

As pessoas residem em concentrações habitacionais – e possuem automóveis particulares, com os quais já não podem escapar para um mundo diferente. Têm gigantescas geladeiras repletas de alimentos congelados. Têm dúzias de jornais e revistas que esposam os mesmos ideais. Dispõem de inúmeras opções e inúmeros inventos que são todos da mesma espécie, que as mantêm ocupadas e distraem sua atenção do verdadeiro problema – que é a consciência de que poderiam trabalhar menos e determinar suas próprias necessidades e satisfações. (MARCUSE, 1967, p. 99).

Isso demonstra, segundo Marcuse (1967) que o homem civilizado confere sua vida ao seu trabalho, renunciando ao princípio de prazer, e vivendo pelo princípio de desempenho, que preconiza buscar aquilo que a sociedade confere valor, ou seja, o trabalho, a labuta. Em sua análise, o homem, hoje, vive sob esse princípio e é visto como objeto usado para fins de rendimento, assim, o corpo e a mente são instrumentos de trabalho e coação. A questão da libido torna-se também consequência deste modo de vida. Alienados ao trabalho, os aparelhos mentais do indivíduo passam a ser parte dessa repressão.

2.3 Arte e imaginação

Se até agora toda a explanação de Marcuse (1967) evidenciou que os prazeres do homem inserido na civilização tem sido renegados, visto que ele vive a partir do princípio de desempenho e é impelido a dedicar praticamente todas as horas do seu dia à labuta, ele pontua aqui, uma “válvula de escape” - descrita por Freud pelo

processo reconhecido como fantasia. Na teoria de Freud, os processos mais arcaicos do id permanecem no aparelho mental e mesmo que o princípio de desempenho impeça a manifestação desses instintos, eles são imutáveis. Estes processos são as fantasias, a imaginação do homem, que existe e é a proclamação da liberdade.

Freud observa que a fantasia começa logo na infância, com as brincadeiras infantis, abandonando a dependência de objetos reais e retoma mais tarde no indivíduo adulto se expressando através dos desejos e sonhos. Com a introdução da razão imposta pelo princípio de realidade, a fantasia, que é um sentimento agradável e prazeroso, permanece, mas torna-se mero jogo, divagação. Os prazeres renegados, que são os processos arcaicos, inseridos no id, já que podem ser vistos aos olhos da sociedade opressora como perversões, ficam como que congelados na mente do ser social. Na maior parte das vezes, o que resta no id, são as pulsões primárias, do ser instintivo, correspondendo aos desejos mais ocultos do indivíduo. Portanto, o que resta na psique é a estrutura anterior à organização de ordem social, a memória de um passado sub histórico, quando a vida do indivíduo era a vida do gênero, guiada sob o princípio de prazer.

Marcuse (1967) observa que esse desejo oculto, ou seja, a fantasia, pode ser expressa pelo homem civilizado através da arte. Por isso ele vê na arte, a melhor maneira de se canalizar a energia reprimida. Essa coisa imaginada, fantasiada pelo ser, condiciona a reconciliação do indivíduo com o todo, superando a realidade. Ele afirma que por isso, “a arte é, talvez o mais visível retorno do reprimido” (MARCUSE, 1967, p. 135). E esta forma de expressão desafia o princípio de razão quando representa uma ordem de sensualidade, ou de libertação. Para o autor, a imaginação artística é capaz de modelar a memória inconsciente da libertação fracassada, e se for realizada sob o princípio de desempenho é uma maneira de libertar-se, se esta for representada como não-liberdade com semblante de realidade, para assim, ser verdadeira, de fato. Pois se aderir aos conceitos da arte implantada como estética e reconhecida pelos valores impostos da sociedade, então deixa de ser livre.

A arte é vista pelo autor como possibilidade de revolução. Ao protestar contra a sociedade opressora, a arte vislumbra a possibilidade de uma nova maneira de organização. Os processos contidos no id, que pelo princípio de desempenho não

ultrapassam a barreira de sonhos, podem se tornar reais concretizando-se na arte, oferecendo ao indivíduo reprimido uma nova visão de mundo, onde toda a liberdade negada pode se transformar em verdade. Por isso, Marcuse (1967) define a arte como a “Grande Recusa”, ou seja, um protesto contra a repressão desnecessária, uma luta a favor da liberdade.

2.4 O surgimento de uma nova civilização

Marcuse (1967), contextualizou a obra de Freud com o quadro social da década de 1960, o qual ele denominou uma sociedade reprimida, e discorreu sobre como seria a vida do indivíduo se ele pudesse ser guiado pelo princípio do prazer, ao invés do vigente e repressor princípio do desempenho. Freud verificou que a libertação das pulsões primárias do princípio do prazer dariam fim à própria civilização, visto que a renúncia da labuta causaria desordem e a destruição da cultura. Marcuse, que acreditava em uma transformação da sociedade e do indivíduo, buscou orientação filosófica em autores como Schiller (apud MARCUSE, 1967) para esclarecer a dimensão estética e provar que ela daria à sociedade uma base firme instalando a ordem da sensualidade contra a ordem da razão. Essa noção consistiria em uma libertação dos sentidos, operando através do impulso lúdico e provocando harmonia entre os sentimentos. Por isso a arte é vista como um desafio ao princípio de desempenho, a partir do momento em que representa a ordem da sensualidade, invocando uma lógica contra a repressão. A cultura estética seria, porém, uma revolução possível apenas se a civilização atingisse a maturidade física e intelectual, quando puder se redimir da repressão da realidade e ser livre para exercer a faculdade mental da imaginação. Neste nível de maturidade, a civilização não seria dominada pelo homem, mas pela beleza, e a natureza e o mundo objetivo em si, seriam objetos de contemplação.

Marcuse (1967) vê na cultura estética, alguns pontos em comum com o que seria uma nova sociedade, sem repressão. Ele demonstra acreditar que é possível essa

chance de felicidade a partir da transformação dessa sociedade que reprime em uma sociedade mais justa e liberta, preservando o trabalho lúdico e o culto à arte, mas realiza que isso só seria possível se a sociedade atingisse um grau de maturidade elevado. Marcuse recorre à inserção dos heróis culturais na cultura ocidental e cita os anti-heróis Orfeu e Narciso, não perpetuados por essa cultura por serem o arquétipo da alegria e plena fruição. Orfeu e Narciso simbolizam uma realidade que eterniza a liberdade. A imagem deles é a imagem contrária da repressão e do esforço laborioso. O herói da sociedade opressora seria Prometeu, que representa a audácia e o castigo, contrastando com o mundo órfico e narcisista que designa uma existência “impossível”, que une o homem à natureza e é parte da Grande Recusa visando estabelecer uma ordem superior no mundo, sem repressão.

Para Marcuse (1967), o processo de emancipação para a construção de uma nova civilização somente seria viável através dessa Grande Recusa, ou seja, uma recusa absoluta do sistema de vida estabelecido, que deve ocorrer através de manifestações revolucionárias lideradas pelo novo segmento social revolucionário: a juventude estudantil. Se na época de Marx o segmento social constituído pela massa trabalhadora era o “fermento” da transformação social, hoje, Marcuse atribui aos jovens o poder da revolução, por ser a camada nova, instituída de id que retém processos inconscientes renovados, dentro do contexto histórico atual.

E os arquétipos de Orfeu e Narciso representam para Marcuse (1967) a imagem de uma nova realidade que simbolizaria a realização plena do homem através da liberação das forças libidinais e dos instintos primários. O modelo da civilização proposta por Marcuse seria a visão de uma ordem não repressiva, em que homem e natureza se harmonizam, sem a necessidade de lutar por um bem que “precisa ser atingido”. Assim, o homem seria inteiramente livre, capaz de determinar seu tempo, suas próprias necessidades e desejos.

O reino da liberdade é visionado para além do domínio da necessidade: a liberdade não está dentro, mas fora da “luta pela existência”. A posse e a obtenção das necessidades da vida são pré-requisitos e não o conteúdo de uma sociedade livre. O reino da necessidade, da labuta e trabalho não é o da liberdade, visto que a existência humana, nesse domínio, é determinada por objetivos e funções que não são propriamente seus e que não permitem o livre jogo das faculdades e desejos humanos. (MARCUSE, 1967, p. 172).

A proposta feita pelo teórico não é extinguir a realização do trabalho, mas impor liberdade para que o homem possa ter propriedade de fazer suas escolhas e determinar seu tempo. Marcuse (1967) pontua que o labor necessário é desumano e não permite construção da individualidade. Mesmo que exista trabalho que proporcione prazer, o autor afirma que na realidade governada pelo princípio de desempenho, tal trabalho é exceção e ocorre apenas como *hobby* ou divertimento, ademais, ele observa que se existe prazer na labuta, como um alfaiate quando se sente orgulhoso da costura bem feita de uma camisa, por exemplo, esse prazer é só o escopo de uma satisfação, pois representa a sensação de dever cumprido que a sociedade repressora imprime no indivíduo. Numa sociedade não reprimida, o sistema de trabalho seria instituído com base na economia de tempo e espaço para o desenvolvimento do indivíduo em si, fora do mundo de trabalho opressivo. A espécie normal de trabalho da sociedade opressora, na qual o indivíduo ocupa uma posição socialmente útil, não satisfaz os impulsos e as necessidades humanas.

Marcuse (1967) afirma que a própria base da ordem repressora será responsável por destruí-la. A necessidade cada vez maior de trabalho exigirá o crescente desperdício de recursos, a criação de empregos e serviços cada vez mais desnecessários. Sem contar as guerras, por disputa de territórios ou contraste de ideologias. E se, para que isso aconteça, houver recusa dos *intelectuais* – cientistas, matemáticos, técnicos, psicólogos, e pesquisadores – não será empecilho. Outra camada social estará responsável pela construção de uma nova ordem. É o mesmo segmento social visionado por Bresser, e apontado por Hobsbawm como a constituição de uma nova esquerda contemporânea: os jovens.

É a vida deles que está em jogo e, se não a deles, pelo menos a saúde mental e capacidade de funcionamento deles como seres humanos livres de mutilações. [...] Mas na sociedade administrativa, a necessidade biológica não redundando imediatamente em ação; a organização exige contra-organização. Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política. (MARCUSE, 1967, p. 23)

Essa seria a síntese de uma sociedade livre. Há tempos que a nova ordem econômica estabelecida – capitalista – havia erguido um status de sociedade liberal e democrática, que segundo Marcuse (1967) usava os termos para inserir sua dominação

por meio de uma sociedade que preconizava o consumo e a produção sem se preocupar com as necessidades humanas biológicas. Mas para o teórico, ainda há tempo de reverter essa situação. O nascimento de uma sociedade não repressiva é possível. Uma civilização liberta, que faça do corpo e da mente humanas um instrumento de prazer, e não de labuta.

3 EROS E CIVILIZAÇÃO EM OS SONHADORES

A expressão dos sentimentos do homem através da arte foi vista por Marcuse (1967) como uma maneira de resguardar seus desejos mais primários. Como já foi visto anteriormente o teórico afirma que o trabalho artístico exime o indivíduo da relação repressiva que a sociedade industrial impõe ao modo de organização da vida, proporcionando liberdade para que o aparelho mental realize os desejos contidos na imaginação.

O cinema foi a expressão legitimada por Ricciotto Canudo, em 1911, como a sétima arte. Sua origem data de 1895, quando os irmãos Lumière, reconhecidos como inventores da nova arte, fizeram sua primeira exibição pública em um café, em Paris. Os filmes eram em preto e branco, bastante curtos, feitos com a câmera parada e sem som algum. Mesmo assim, a nova invenção causou *frisson*. Parte do público ficou emocionada ao ver a própria realidade sendo expressa ali, tão verdadeiramente. O autor Jean-Claude Carrière (1995) afirma que isso acontece devido ao misterioso e irresistível poder de convencimento da sétima arte. Ele parece concordar com essa premissa, quando afirma que o cinema é, talvez, a única arte que possibilita a (re) construção da realidade.

O cinema tem o poder de convencimento desde os primórdios – e em maior grau que qualquer outra mídia – desde quando os primeiros espectadores dos irmãos Lumière recuaram, alarmados, diante do trem que, silenciosamente, se arremessava contra eles. (CARRIÈRE, 1995. p. 52).

Essa função de realidade que o cinema pode apresentar é, na visão de Roberto Abdala (2005), o mesmo discurso formulado por historiadores para oferecerem uma compreensão do real. Tanto o cinema quanto a história constroem discursos auto-explicativos e de convencimento, que pretendem enredar seu público. As narrativas, porém, segundo Abdala (2005), obedecem a finalidades diferentes: no cinema, a narrativa já encerra a sua finalidade – contar uma boa história, esse é seu objetivo principal. Na história, a narrativa é o meio pelo qual os historiadores compartilham com a sociedade os conhecimentos que construíram a respeito de uma memória que faz

parte de uma dada sociedade numa época determinada. Os discursos construídos pelos filmes são narrativas ficcionais; não têm a preocupação de serem fiéis a qualquer acontecimento, personagem, contexto e/ou conhecimento – seus significados residem, principalmente em contar histórias, sejam elas quais forem; sua finalidade primeira é o entretenimento. Mas o autor (2005) pontua que não se pode excluir a importância do cinema para a história. Justamente por ser ficcional, o cinema é uma arte que atrai e quando usado para fazer uma reinterpretação do passado, ou documentar fatos, períodos e revoluções, este pode ser um artifício muito mais bem sucedido que simplesmente relatos textuais.

Pela perspectiva Marcuseana, ao falar sobre a arte, o cinema, poderia ser considerado uma forma de expressão da fantasia, uma maneira de escapar ao princípio de desempenho e deixar que os prazeres contidos no id do indivíduo tenham fruição. Foi, provavelmente isso que aconteceu com Bernardo Bertolucci - um dos nomes mais importantes do cinema mundial dos últimos 30 anos - quando decidiu filmar a obra fictícia, *Os Sonhadores* (2003). O cineasta é conhecido por fazer um cinema de forte apelo visual, caracterizado principalmente pelas temáticas política (esquerdista), e humana (com ênfase no sexo). Um crítico alemão, certa vez, forneceu uma boa descrição quando disse que a obra de Bertolucci era uma harmonia entre Marx e Freud, referindo-se ao filme *1900* (1976). Em entrevista a revista *Época* (2003), o cineasta italiano afirmou considerar um erro histórico quem diz que o Maio de 68 foi uma derrota. Para Bertolucci, várias conquistas de liberdade são consequência do movimento. Uma entrevista publicada pelo jornal *Estado de São Paulo* (2004) mostra o espírito revolucionário do diretor. Perguntado qual foi a intenção de fazer um filme sobre a revolução de Maio de 68 justamente agora, Bertolucci responde que não é uma tentativa de recuperar o tempo perdido, mas sim de mostrar aos jovens da atualidade o que aquela época representou para o mundo. Ele ainda afirmou que existem jovens hoje que combatem a globalização e acreditam que um novo mundo é possível.

Queria justamente reviver aquele sonho. Há hoje um movimento para alienar a juventude, para nos transformar a todos em consumistas. Os poderosos incrustados na política e na mídia tentam nos fazer crer que as ideologias morreram, mas não é verdade. E se elas morreram precisamos ressuscitá-las. Não há utopia sem ideologia e se não existe utopia não há esperança. Se não

há esperança, não há futuro. Como conviver num mundo sem futuro? (BERTOLUCCI, 2004).

Este sonho que Bertolucci gostaria de reviver, ganha vida no filme *Os Sonhadores* (2003) e é analisado neste projeto como o modelo de sociedade não-reprimida descrita por Herbert Marcuse em *Eros e Civilização* (1967). O filme seria um grito de liberdade da juventude alienada, inserida na sociedade industrial da década de 1960. Os personagens principais, Isabelle, Theo e Matthew se mostram cansados da passividade diante das transformações da sociedade que exclui, julga e manipula. Marcuse fala de indivíduo reprimido, oprimido pelo regime capitalista que suga seus instintos primários, fazendo-o libertar-se dos próprios desejos e atuando sobre ele como força maior, que se impõe na própria consciência do indivíduo. Essa sociedade repressora diviniza o trabalho e o homem passa a viver inconscientemente tomado por esse preceito de que a maior parte do seu tempo deve ser dedicada à labuta. Na obra de Bertolucci, os três personagens vivem a experiência do princípio do prazer, guiados pelos próprias pulsões e vontades, contrária ao princípio de realidade repressivo, e por isso, contrária à vida imposta pela sociedade industrial dominante. Vivem na prática, a própria transformação proposta por Marcuse.

3.1 Protestos na cinemateca

O filme tem início com o personagem Matthew (Michael Pitt) caminhando pelas ruas de Paris em direção à *Cinematheque Française*, reduto dos cinéfilos franceses daquela época. Matthew é um jovem americano, de 20 anos, natural de San Diego, Estados Unidos, e foi à França estudar o idioma, mas encantado pelo cinema começa a freqüentar a cinemateca quase que diariamente. À respeito da globalização, Stuart Hall (1992) já havia citado que à medida que as identidades culturais se desvinculavam seguindo à risca o novo sistema, elas buscavam ser mais livres, independentes dos laços familiares. Neste ponto do filme, portanto, já pode-se perceber a inserção da globalização no contexto histórico da década. Jovens como Matthew saindo do seu país

de origem para estudar outras línguas, no objetivo de se inteirarem plenamente das mudanças, decisões e acontecimentos pelo mundo inteiro, de maneira a tornarem-se responsáveis pela própria construção de conhecimento. Ainda seguindo o pensamento de Hall (1992) torna-se necessário lembrar que essa nova identidade do indivíduo inserido na pós-modernidade provoca paradoxos e questionamentos, pois mesmo que o indivíduo esteja formando uma nova identidade, ela ainda traz resquícios de uma identidade anterior, lograda por fatores ligados à tradição e localidade.

As primeiras cenas mostram um jovem seduzido pela fantasia do mundo virtual, um jovem que se senta nas primeiras filas do cinema, para ser o primeiro a receber as imagens ainda virgens do filme, antes que elas cheguem aos outros espectadores. A arte é algo que encanta a juventude daquela época. O cinema, com suas histórias de amor, de sonhos e lugares paradisíacos representava exatamente a possibilidade de uma nova ordem. Jean-Claude Bernardet (1985) lembra que nessa época o cinema se desenvolveu bastante e conquistou principalmente o segmento jovem, por tratar de questões absolutamente revolucionárias, como a questão feminista, o movimento de libertação homossexual, o movimento ecológico e outras questões sócio-políticas, temas que faziam efervescer a mentalidade jovem sessentista.

Eles propunham sonho e fantasia contra as agruras da vida? Certo. Mas, para esses sonhos e fantasias terem efeito, era necessário que eles tocassem numa vontade de sonhar, em aspirações, em medos, angústias e inseguranças que as pessoas realmente tivessem (BERNADERT, 1985. p. 78).

Hobsbawm (2002) também já havia citado que essa nova geração, gratificada com a prosperidade que a Era de Ouro havia trazido tinha o tempo livre para desenvolver atividades culturais como a leitura, a música e o cinema.

O ambiente na *Cinematheque* nestes dias é de protesto. O governo francês pediu a destituição de Henri Langlois, responsável pela cinemateca francesa; os freqüentadores se opõem à essa decisão, afirmando que Langlois não merece a destituição, pois sempre se mostrou um apaixonado pela sétima arte, exibindo todos os tipos de filmes, sejam eles bons, ou ruins, novos ou antigos. É num dia de manifestações que Matthew conhece Isabelle (Eva Green) e Théo (Louis Garrel). Isabelle parece estar acorrentada às grades da cinemateca, em sinal de protesto e

pede que Matthew tire o cigarro de sua boca, pois ele havia grudado em seus lábios. Theo vem logo a seguir, descendo as escadarias, acompanhado de alguns amigos e então é apresentado à Matthew. Neste momento as manifestações contra a destituição de Langlois transformam-se em uma guerra de estudantes contra a polícia. Os três correm e após se dispersarem do conflito, seguem caminhando e conversando sobre política, filosofia e cinema.

3.2 O poema é uma petição e uma petição é um poema

Quando Matthew é convidado para jantar na casa dos gêmeos, logo pela manhã do outro dia, o espectador se depara com o arquétipo da família de classe média da Europa da década de 1960. Os filhos Theo e Isabelle chegam da faculdade e vêm a mãe preparando o jantar, com uma taça de vinho na mão, fumando um cigarro. Logo, eles acendem um cigarro também e só então avisam que levaram um convidado para a ceia. Isabelle faz questão de bagunçar o cabelo bem penteado de Matthew e afrouxar sua gravata para só então apresentá-lo ao pai, um famoso escritor francês.

Hobsbawn (1994) citou anteriormente que uma das mudanças que a Era de Ouro trouxe foi tocante também à estrutura familiar. A contemporaneidade havia trazido à década de 1960, uma liberdade que não existia na geração dos pais. É possível perceber, inclusive, a contribuição que os anos sessenta e principalmente o Maio de 68 tiveram para a instauração de uma comunicação mais informal em relação à pais e filhos. O que percebe-se no filme é que o choque social daquela década foi tão grandioso que mesmo hoje, algumas famílias não apresentam uma estrutura tão moderna e um diálogo tão aberto quanto à família de Theo e Isabelle.

Quando se sentam à mesa, após o jantar, George (Robin Renucci) e Theo travam uma discussão sobre a revolução cultural que os jovens franceses pretendem instaurar. Theo questiona que se Langlois é destituído, imigrantes têm sido deportados, estudantes espancados, é correto que eles não façam nada? O pai responde que antes de querer mudar o mundo eles devem se dar conta que são parte desse mundo. Theo

lembra que o pai se recusou a assinar uma petição contra a guerra do Vietnã. Ao que ele responde: “Poetas não assinam petições e sim poemas. Um poema é uma petição e uma petição é um poema” (BERTOLUCCI, 2003).

O jantar termina. Os pais de Isa e Theo se retiram e avisam que os cheques estão sobre a lareira. Matthew comenta com os irmãos que os pais deles são admiráveis, diferentes dos pais dele. Neste ponto, fica claro que Bertolucci deseja demonstrar a diferença entre os Estados Unidos e a Europa, o que mais tarde, será ainda mais acentuado. Isabelle vai dormir e Theo leva Matthew até o quarto de hóspedes, onde ele irá passar a noite. A trilha sonora escolhida para esta cena remete o sentimento da época: o *rock and roll* de Janis Joplin, na música “I need a man to love”. No meio da noite, porém, Matthew se levanta, à procura do banheiro. Quando volta ao seu quarto vê a porta do quarto de Theo aberta e decide espiar: vê Isa e Theo dormindo juntos, nus.

3.3 Os jogos

Matthew acorda assustado, com Isa na sua frente, lambendo seus olhos. Ele se sente desconcertado e pede que Isa pare. Então, ela se levanta, e começa com o primeiro dos jogos que impetrarão o filme de emoções e referências a clássicos do cinema. Isa interpreta o filme *Queen Christina* (MAMOULIAN, 1933) e pede que Matthew adivinhe. Ele consegue perceber a interpretação e acerta o nome do filme. Quando Isa tenta fazê-lo levantar da cama ele responde dizendo que não pode, pois está em suas roupas íntimas. Então ela sai e diz que o espera no banheiro.

Nesta cena, há mais uma ocorrência de choque cultural, quando Matthew entra no banheiro completamente vestido, de terno, enquanto que Isa e Theo estão à vontade, em seus trajes íntimos. Theo, inclusive brinca com a situação perguntando se Matthew está indo a igreja. Não é certo que Bertolucci tenha querido demonstrar que o espírito revolucionário francês antecedeu o americano, mas durante todo o filme as cenas demonstram uma negação muito grande relacionada ao *American Way of Life*.

Quando Pereira (1983) fala sobre cultura, ele cita que o comportamento do indivíduo é geralmente pautado pela cultura herdada, em sua opinião, um grande erro, cujo reconhecimento veio à tona na década de 1960, quando teve-se notícias sobre as primeiras manifestações de contracultura, ou seja, manifestações que se opunham à cultura vigente. Matthew parece sentir-se perdido em meio à nova cultura francesa. Entre Theo e Isabelle, o jovem americano se mostra um indivíduo recatado, introvertido, cujo comportamento parece seguir o protótipo de uma família tradicional americana. Mesmo que mais tarde ele demonstre paixão por mudar os rumos da política, e mesmo que ele seja contra as guerras e os efeitos degradantes do capitalismo, Matthew não apresenta as mesmas características que os irmãos Theo e Isabelle. Estes compactuavam com a contracultura. Pereira (1983) descreve que os jovens inseridos nessas manifestações eram, em sua maioria, exóticos e extravagantes, pregavam um novo modo de vida, questionavam os valores determinados e buscavam descobrir um novo significado para o próprio ser. Na cena do banheiro é possível perceber essa dualidade entre Matthew e os irmãos, principalmente no que diz respeito aos trajés.

Theo convida Matthew para ficar com ele e Isa enquanto seus pais estão fora, ao que ele concorda. O segundo jogo cinéfilo acontece quando os três estão lendo e ouvindo música no quarto de Theo. Ele lê para Matthew um artigo que diz que não se discute Keaton (Buster Keaton) e Chaplin (Charles Chaplin). Matthew concorda, porque segundo ele, Chaplin é incomparável. Começa a discussão. Theo debate dizendo que não, que o incomparável é Keaton. Enquanto eles discutem, argumentando porque um ator é melhor que o outro, Isa escuta uma música de Janis Joplin, incessantemente. Ao fim da discussão, Theo fica irritado com a repetição da música ao que Isa faz então a pergunta: “Qual o nome do filme em que uma pessoa sapateia até irritar uma outra?” (BERTOLUCCI, 2003). Matthew acerta mais uma vez o nome do filme e Isa e Theo propõem que ele é a pessoa certa para fazer o que há muito tempo eles tentam fazer: bater o recorde da cena em que o trio que protagoniza o filme *Bande à Parte* (GODARD, 1964) percorre correndo o Museu do Louvre. À princípio Matthew fica assustado e sente medo de ser pego, porque se isso acontece, as chances dele ser deportado são grandes. Mesmo assim, os gêmeos o convencem e eles partem para o Louvre, quebrando o recorde por alguns segundos de diferença. Quando saem do

museu vão andando até chegar em casa, debaixo de uma grande chuva. Assim que pisam em casa o telefone toca. Isa diz estar muito molhada para atender ao telefone, ao que Theo explica à Matthew que “todos os pais deveriam ser presos e julgados, obrigados a confessar seus crimes, enviados para o campo para autocrítica e reeducação” (BERTOLUCCI, 2003). Theo atende ao telefone, mas a ligação já havia caído.

No quarto de Theo ele escolhe uma roupa para Matthew se trocar, pois suas roupas estavam muito molhadas. Nesta cena, mais uma vez, é possível perceber o quanto Matthew fica envergonhado ao ter de se vestir na frente de Theo, enquanto este acha estranho o comportamento cheio de pudor do amigo. Theo sai para pegar uma coca-cola e Matthew acha uma foto de Isabelle no guarda-roupa de Theo. Esconde-a dentro da roupa.

O terceiro jogo acontece quando Isa surge no quarto dançando uma música que ela mesma canta e desafia Theo a adivinhar qual o filme está interpretando. Theo não consegue vencer o desafio. O filme era *Blonde Vênus* (STERNBERG, 1932). O castigo que Isa escolhe para Theo por não ter acertado o nome do filme é fazer algo que ele fez uma vez enquanto achou que não tinha ninguém olhando: se masturbar ajoelhado na frente da foto de uma atriz famosa.

Herbert Marcuse (1967) quando fala sobre princípio de prazer e princípio de desempenho, fala sobre a questão da libido. Ele observa que o indivíduo reprimido considera perversão tudo o que não é socialmente aceito pela civilização. Ele chama de repressão sexual. Marcuse fala sobre os instintos primários, quando os desejos do homem, eram os desejos de animal, de ser inconsciente. Nesse estágio, o homem era livre para obedecer aos seus impulsos sexuais, sem que a sociedade impusesse o que poderia ser feito. Ele observa ainda que o comportamento do homem civilizado corresponde ao que é ditado, por exemplo, o romantismo que deriva de filmes, a fidelidade que promete felicidade eterna. Mas Marcuse (1967) explica que essa energia que deveria ser canalizada para o princípio de prazer não pode se perpetuar porque na civilização ela é completamente revertida para o princípio de desempenho, para a labuta.

Ao longo de toda a história documentada da civilização, a coação instintiva imposta pela escassez foi intensificada por coações impostas pela distribuição hierárquica da escassez e do trabalho; o interesse de dominação adicionou mais-repressão à organização dos instintos, sob o princípio de realidade. O princípio de prazer foi destronado não só porque militava contra o progresso na civilização, mas também porque militava contra a civilização cujo progresso perpetua a dominação e o trabalho esforçado e penoso. (MARCUSE, 1967, p.54).

Matthew (2003), no papel de típico americano, manipulado pelo sistema, portanto indivíduo reprimido, fica bastante assustado com a situação que acabou de presenciar e faz o primeiro julgamento quando sai com Theo para tomar um *drink* logo após o castigo dele. O americano diz que acha muito estranha a relação entre os irmãos e que ele tem irmãs, mas nenhuma delas nunca o obrigou a fazer nada do que ele não quisesse e ele também nunca se masturbou na frente delas. Theo responde dizendo que não foi forçado a fazer aquilo.

Mais um jogo acontece. Dessa vez quando Matthew e Isa estão brincando com algum jogo de tabuleiro, no quarto de Theo. Theo finge que está engasgando, cai no chão, sob a sombra de uma cruz. Lança o desafio aos dois: “Qual o nome do filme onde uma cruz marca o lugar de um assassinato?” (BERTOLUCCI, 2003). Nem Isa nem Matthew conseguem responder a tempo e Theo diz que o castigo para isso será os dois fazerem amor na frente dele, no quarto de hóspedes. A princípio Isa diz que não vai fazer, mas muda de idéia, se levanta, coloca uma música (La Mer) e começa a se despir. Matthew se assusta mais uma vez, diz que precisa ir ao banheiro e sai correndo. Theo corre atrás dele e o segura. Isa surge na cozinha, nua e começa a tirar a calça de Matthew. Matthew diz que viu os dois dormindo juntos. Isa e Theo dizem que ele não foi educado em ficar espiando e Isa continua a despir Matthew, quando então vê sua foto. Matthew desmaia. Quando acorda, Isa já está deitada, esperando por ele. Os dois fazem amor.

Enquanto Isa e Matthew estão deitados no chão da cozinha, fazendo amor, Theo faz ovos mexidos, pausando uma vez por causa dos barulhos que ele escuta vindo da rua, onde acontece alguns protestos, com estudantes e polícia. Quando Isa e Matthew terminam, Theo se aproxima de Isa e coloca a mão entre suas pernas, sentindo o sangue que saíra. Ao ver que Isabelle era virgem, Matthew se emociona e os dois choram juntos.

3.4 Repressão e mais-repressão

A cena corta para o quarto, onde está Isa e Matthew. Ele começa a perguntar como ela e Theo se uniram daquela forma, se o irmão já esteve dentro dela alguma vez e o que ela faria se os pais descobrissem. Isa responde que se os pais descobrissem ela se mataria. Matthew percebe que ela fala a verdade. Ele vai à cozinha pegar algo para comer e quando volta Theo está deitado com Isabelle.

Marcuse (1967) também fala de sentimento de culpa, quando o indivíduo se sente culpado por desafiar o princípio de desempenho e seu superego. Freud havia explicado que há uma renúncia aos instintos na ontogênese, quando o filho sente medo em relação ao pai. No caso da civilização esse sentimento de culpa é revertido em culpa moral por desafiar o que está sendo imposto, no caso do filme, Isabelle sentiria-se culpada por agir através dos instintos do id e não suportaria ter que conviver com a desaprovação por parte dos pais.

Quando todos se levantam Isa tenta preparar alguma refeição. O *rattatouille* e o *fondue* de queijo feitos por ela não parece agradar a nenhum dos três. Theo desce as escadas e vai procurar comida no lixo. Volta com uma bandeja em que só se consegue salvar uma banana para eles. Matthew parte-a em três pedaços iguais e todos comem. Na faculdade de Theo, percebe-se que o clima de revolução já está por toda a parte. Pichações nos muros e nas pilastras, e o clima de revolta entre os estudantes fica claro na cena em que Theo aparece saindo do campus. Um colega se aproxima e pergunta porque ele não tem aparecido nas reuniões, ao que Theo o ignora. Uma amiga também se aproxima e lhe entrega um *souvenir* que trouxe do Nepal. Pede pra ele lhe ligar.

Dentro da mesma banheira, Theo e Matthew tomam banho e fumam alguma coisa parecida com maconha. Não fica claro no filme o que realmente os dois estão fumando, mas o cigarro enrolado num papel e a cena cortada do “*souvenir* do Nepal” direto para a banheira, parece insinuar que alguma droga está sendo usada. Enquanto tomam banho e fumam, os dois discutem sobre Clapton (Eric Clapton) e Hendrix (Jimi

Hendrix). Mais uma vez eles discordam, porque Matthew acredita que Hendrix é muito melhor que Clapton, enquanto Theo acha o contrário.

Pereira (1983) caracterizou a contracultura pelo uso constante de drogas, principalmente a maconha e o ácido. Também falou sobre a música como forma de contestação. Ele observou que o *rock* foi o estilo adotado por praticamente todos os grupos que faziam parte da contracultura. Jimi Hendrix, Janis Joplin, Bob Dylan e Rolling Stones são citados por Pereira (1983) como ídolos daquela geração.

Ainda na banheira, Matthew pergunta a Theo quem ele acha que os soldados no Vietnã estão escutando, Hendrix ou Clapton? Theo pergunta se Matthew não deveria estar no Vietnã. Discutem mais uma vez. Theo fala que os americanos estão matando camponeses, destruindo suas plantações, acabando com a vida de inocentes e que preferia ser preso à servir um país que quer guerra. Matthew diz que tem sorte por estar na faculdade, que é contra a violência e que os soldados não estão lá porque querem estar, mas porque são obrigados. Eric Hobsbawm (2002) lembra que um dos motivos pelos quais os jovens se rebelaram naquela década de 1960 foi a Guerra do Vietnã. Hobsbawm cita Cuba e o Vietnã como as duas grandes inspirações para uma revolução.

A trilha sonora contribui mais uma vez para a cena quando os três adormecem e toca a música “Hey Joe”, de Jimi Hendrix. Quando eles acordam, com sangue na banheira, Matthew fica alarmado, mas Theo lhe diz para ficar tranquilo, pois aquilo é sinal de boas notícias, só acontece uma vez por mês. Matthew entende, olha pra Isabelle e diz que lhe ama. Ela diz que não existe tal coisa como o amor e sim provas de amor. Matthew então se dispõe a provar seu amor. Isa olha para Theo, pede que Matthew levante e os dois tentam raspar o pêlo púbico de Matthew. Ele fica bastante irritado e neste momento começa a dizer como os irmãos são estranhos, loucos.

Quando Matthew diz que Isabelle e Theo dormem juntos na mesma cama, tomam banho juntos, vão ao banheiro juntos, ele faz um julgamento preconceituoso da relação que os irmãos estabelecem. Em nenhum momento do filme fica provada a relação incestuosa de Theo e Isabelle, e tudo são apenas insinuações. Matthew, como americano, parece representar o sistema capitalista, repressor, e nessa cena

principalmente, fica clara a tentativa de estabelecer o que é certo e o que é errado, o que deve ser feito e o que deve ser reprimido. Para Marcuse (1967), o indivíduo inserido na contemporaneidade, na civilização atual, é o estereótipo de um indivíduo reprimido, no qual o id não pode atuar, pois está sendo contido pelo superego, que diz o que deve ser feito; de acordo com as regras da sociedade ele vive sob o princípio de desempenho. O próprio Bertolucci (2004), que viveu na década de 1960 observou que:

A repressão, a alienação, tudo isso vem no bojo ou como consequência de Maio de 68. [...] Maio de 68 pode não ter selado a aliança dos estudantes com os operários, que acreditávamos fundamental para mudar o mundo, mas muita coisa mudou depois daquele ano, daquele mês e por isso ele se tornou mítico. Com Maio de 68, sedimentou-se uma revolução dos comportamentos que vinha sendo esboçada ao longo de toda a década. Durante os protestos, os jovens beijavam-se nas ruas com licenciosidade. A revolução política e a sexual andavam juntas. E aquilo mudou muita coisa. Antes de Maio de 68, beijar-se na rua ou praticar atos que pudessem ser considerados obscenos podia dar cadeia na Itália. (BERTOLUCCI, 2004).

Matthew inserido na Paris de Maio de 68 parece perdido com tanta informação nova, por isso se mostra tão assustado com as cenas que presencia entre Theo e Isabelle. O espírito revolucionário toma conta das ruas de Paris e ele não parece preparado para uma revolução social, por mais que aparente comungar com as idéias revolucionárias. Ele convida Isabelle para saírem, só os dois, sem Theo. Eles vão à um restaurante, dividem uma coca-cola no mesmo copo e depois vão ao cinema. A própria coca-cola sendo dividida, a cena que corta com um fade circular e os dois sentados na última fileira do cinema parecem ironizar a rotina sempre igual dos encontros amorosos dos americanos.

Eles saem do cinema e se deparam com uma loja de aparelhos de TV exibindo as manifestações que estão ocorrendo pelo país. As ruas apresentam motins de destruição e desordem. Quando chegam em casa, Isa vê que Theo está recebendo alguém. Ela e Matthew vão para seu quarto, que até agora não havia sido mostrado no filme. O quarto de Isa é típico de uma garota tradicional, com ursinhos em cima da cama, decoração romântica. Matthew se surpreende mais uma vez e lembra dos quartos de suas irmãs, em San Diego, nos Estados Unidos, segundo ele: “[...] a casa dele e as dos vizinhos são todas iguais com suas gramas verdes, seus esguichos e

suas peruas estacionadas do lado de fora da garagem”. Ele observa atentamente cada detalhe do quarto até Isabelle surgir vestida de Vênus de Milo.

3.5 A revolução

Uma revolução não é um jantar de gala. Não pode ser criada como um livro, um desenho ou uma tapeçaria. Não pode ser desvelada com tal elegância, tranqüilidade e delicadeza ou doçura, amabilidade, cortesia, moderação ou generosidade. A revolução é um motim, um ato violento, pelo qual uma classe derruba a outra. (BERTOLUCCI, 2003).

As frases acima são lidas por Theo, quando está sozinho no seu quarto, lendo um livro. Mais tarde ele e Matthew bebem um vinho no quarto de Theo e conversam sobre cinema e política. Matthew diz que se Theo acreditasse mesmo em tudo o que diz ele estaria nas ruas, lutando, fazendo revolução. Ele diz que existe algo lá fora, muito importante, prestes a acontecer, mas que eles não estão com os manifestantes, e sim, lá dentro do apartamento, bebendo vinhos caros, falando sobre cinema, discutindo Mao (Mao Tse Tsung).

Durante todo o filme, os três personagens vivem a própria revolução dentro deles. Uma revolução internalizada, que provoca alterações no aparelho mental estudado por Herbert Marcuse (1967). No filme, os questionamentos, a entrega à libido, às sensações de fruição do prazer, a mudança social acontece dentro daqueles dias no apartamento. E isso se torna ainda mais real na cena posterior, quando Isa aparece com uma surpresa: construiu uma cabana com lençóis, almofadas, da maneira que ela e Theo faziam quando eram crianças – ou seja, se entregando às fantasias da infância, assim como descreveu Marcuse (1967) quando fala sobre fantasia e imaginação, e a pureza do aparelho mental do ser infantil.

Os três adormecem na cabana. Durante esse tempo, os pais de Isabelle e Theo retornam ao apartamento e se deparam com a cena dos filhos dormindo nus junto à Matthew. Deixam um cheque sob a mesa. Isabelle acorda, vê o cheque e faz o que disse que faria quando questionada por Matthew o que aconteceria se os pais

descobrissem sobre ela e Theo: liga uma mangueira no escapamento do gás de cozinha e puxa para si, para o irmão e para o amigo, na tentativa de se matar. A tentativa de suicídio só é interrompida quando a rua invade o apartamento. Algo é jogado na janela da sala onde os três estão dormindo e Isa rapidamente puxa a mangueira de volta para a cozinha. Theo e Matthew acordam assustados e os três descem para as ruas.

Matthew não concorda em entrar na revolução. É contra a violência. Theo e Isabelle entram na revolução e jogam um coquetel Molotov na polícia. O filme termina ao som de “Non Je Ne Regret De Rien” (Não me arrependerei), de Edith Piaf.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo em analisar o filme *Os Sonhadores* (2003) considerando a sociedade sem repressão proposta por Herbert Marcuse (1967) em *Eros e Civilização* era justamente fazer uma conexão de utopia possível. Através da leitura de Marcuse, é possível perceber que o teórico é otimista em relação à construção de uma nova sociedade, isenta de repressão. No filme de Bernardo Bertolucci também fica claro que a intenção do diretor foi alertar às novas gerações que uma nova sociedade é possível, o que também foi afirmado por ele, um ano após o lançamento do filme.

Através da análise das cenas do filme, do roteiro, das personagens, do contexto histórico e da trilha sonora foi possível observar as similaridades entre uma sociedade reprimida e a história de Theo, Isabelle e Matthew. Os desejos que esses três personagens apresentavam eram coerentes com a aspiração por mudança social vista por Marcuse (1967), quando o teórico apresentou o que seria uma sociedade reprimida e o que poderia ser modificado para essa sociedade não condizer com a repressão e o indivíduo lutar pela sua liberdade. Ao mesmo tempo é importante estabelecer que o filme de Bertolucci é uma retratação da revolução de Maio de 68.

O conceito de repressão é tão atual que mesmo o espectador primário do filme *Os Sonhadores* (2003) pode considerar incestuosa a relação entre Theo e Isabelle e julgar absurda as cenas de sexo protagonizada pelos personagens em jogos cinéfilos. O fato é que mesmo que 40 anos tenham se passado de 1968 até o ano de realização deste trabalho, a civilização continua inserida no mesmo conceito de sociedade reprimida descrita por Herbert Marcuse (1967). A grande diferença é que desde Maio de 68 até os dias atuais, nenhum movimento social repercutiu em mudanças tão coletivas e notáveis no que diz respeito à liberdade e rompimento de valores tradicionais. Ao contrário, o poder estudantil parece cada vez mais minado e os jovens cada vez menos interessados em tentar reverter os rumos da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Roberto. **O cinema é uma outra história**. 2005. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/junior-roberto-cinema-outra-historia.pdf.

ANDRADE, Manoel de. A passeata dos Cem Mil. 2008. Disponível em: <http://palavrastodaspalavras.wordpress.com/2008/05/05/1968-a-passeata-dos-cem-mil-por-manoel-de-andrade/>

BERNARDET, Jean Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 117p.

BRESSER, Luís Carlos. **Tecnoburocracia e contestação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HILL, Telênia. **A título de memória: uma reflexão sobre o Maio 68 e seus efeitos de “brecha” e “subsolo”**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. Rio de Janeiro: Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOURY, Mauro G. P. **Imagem e Memória**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. 192p.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997. 170p.

_____. Jornal Estado de São Paulo. Disponível em: www.oraetlabora.com.br/artigos/bernardo_bertolucci.htm

_____. Revista Época. Disponível em: www.revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT695513-1661,00.html

ANEXO A – A passeata dos Cem Mil⁴

A estratégica aparição daquele estudante de 23 anos provocou uma apoteose de gritos e palmas na imensa multidão que, por volta do meio-dia, ocupava inteiramente a Praça Floriano Peixoto, na Cinelândia.. O presidente da UME, Vladimir Palmeira, disfarçado pelo penteado, barba feita, terno e gravata, subiu as escadarias da Assembléia Legislativa, e com alguns gestos interrompeu as palmas, pediu silêncio e que todos se sentassem e, em seguida, começou o seu primeiro discurso do dia dizendo:

Pessoal, a gente é a favor da violência quando ela é aplicada para fins maiores. No momento, ninguém deve usar a força contra a Policia, pois a violência é própria das autoridades, que tentam por todos os meios calar a voz do povo. Somos a favor da violência quando, através de um processo longo, chegar a hora de pegar nas armas. Aí, nem a policia, nem qualquer outra força repressiva da ditadura, poderá deter o avanço do povo.

Enquanto os discursos se sucederam mais e mais populares iam se juntando à concentração. De todas as partes chegavam comitivas de estudantes com faixas e bandeiras. Emissários e “batedores” saíam e chegavam com notícias sobre a segurança do percurso da passeata prestes a começar. Por trás de toda essa organização estavam os estudantes Franklin Martins e Marcos Medeiros, comandando outras lideranças estudantis encarregadas de controlar todos que participavam do ato, evitando, com isso, qualquer incidente com pessoas infiltradas. No final dos discursos Vladimir Palmeira tira o paletó, afrouxa a gravata e retoma a palavra para dizer:

Nós queremos os cadáveres dos estudantes que foram mortos durante as últimas manifestações. Todos viram seus corpos, ao vivo e nos jornais, e não é possível que o governador e as outras forças repressivas continuem a esconder os seus corpos para iludir a população.

⁴ ANDRADE, Manoel. A passeata dos Cem Mil. 2008.

Seu discurso foi interrompido pelo ronco ensurdecido dos aviões da FAB que passavam em vôo rasante em franca provocação. Com isso terminaram os discursos e começou a passeata. A multidão comandada pelos estudantes e de mãos dadas, seguiu ordeira e alegre para a Avenida Rio Branco, cujo trânsito havia sido interditado pelas autoridades. As grandes lideranças estudantis do país estavam ali representadas por Luís Travassos, e José Roberto Arantes, respectivamente presidente e vice-presidente da UNE.

Pela grande avenida desfilava uma massa humana sempre mais engrossada pelo imenso fluxo de pessoas que vinham da Cinelândia. Como ao longo de todo percurso houve provocações de agentes do DOPS e de policiais, os líderes estudantis tiveram o cuidado de reiterar aos manifestantes que mantivessem a calma e a vigilância. Aquela inacreditável massa humana penetrou pela tarde atravessando o centro do Rio num gesto grandioso de indignação, mas sobretudo de esperança no retorno ao estado democrático de direito.

Quando chegou à Candelária, Vladimir subiu na capota de um carro e disse:

Este lugar tem um significado muito grande para nós. Na missa de Édson, foi aqui que fomos violentamente reprimidos. Hoje o panorama é diferente. Prova de que a potencialidade de luta popular é maior do que as forças da repressão. Hoje damos uma demonstração de força e de fraqueza ao mesmo tempo. Temos força para retomar a praça, mas ainda não podemos tomar o poder que eles usurparam.

Naquele longo percurso que se entende desde a Candelária até à Rua Uruguaiana, toda a Avenida Presidente Vargas foi ocupada pela imensa multidão em movimento.

Elio Gaspari, referindo-se ao fato na sua "Ditadura Envergonhada", descreve:

Olhada, a passeata era uma festa. Manifestação de gente alegre, mulheres bonitas com pernas de fora, juventude e poesia. Caminhava em cordões. Havia nela a ala dos

artistas, o bloco dos padres (150), a linha dos deputados. Ia abençoada pelo cardeal do Rio de Janeiro, o arqui-conservador D. Jaime Câmara, que em abril de 1964 benzer a Marcha da Vitória. Muitas pessoas andavam de mãos dadas. Todo o Rio de Janeiro parecia estar na avenida. A serena figura da escritora Clarice Lispector e Norma Bengell, a desesperada de Terra em Transe; Nara Leão, Vinicius de Moraes e Chico Buarque de Hollanda, que com a poesia “Carolina”, e seus olhos verdes, encantava toda uma geração. Personagens saídos da crônica social misturavam-se com estudantes saídos do DOPS. Do alto das janelas a cidade jogava papel picado.(...) a Passeata dos Cem Mil saiu da Cinelândia, jovem, bela e poderosa. (...) Depois de parar gloriosamente na Presidente Vargas, vagou emagrecida até os pés da estátua de Tiradentes, em frente ao prédio da Câmara dos Deputados. Lá Vladimir Palmeira, o mais popular dos dirigentes estudantis, ameaçou: A partir de hoje, para cada estudante preso, as entidades estudantis promoverão o encarceramento de um policial.

Depois de passar pela Sete de Setembro e o Largo da Misericórdia a passeata chegou à Praça Tiradentes onde se seguiram uma dezena de discursos das lideranças estudantis, sindicais e intelectuais. Ali mesmo foi proposta e criada uma comissão com representação dos intelectuais, dos professores, do clero, dos estudantes e das mães para intervir junto às autoridades pela libertação dos estudantes presos nas recentes manifestações.

Passavam das cinco da tarde quando os estudantes queimaram uma bandeira americana em frente do Palácio Tiradentes. Ali mesmo Vladimir retomou a palavra para encerrar a manifestação num tom de advertência, dizendo:

Voltaremos sempre para exigir nossos direitos. Pacificamente, se não formos reprimidos pela Polícia. Agressivamente, se tentarem nos agredir, como fizeram algumas vezes.

Neste ano de 2008, há quarenta anos da *Passeata dos 100 Mil*, podemos ter uma clara perspectiva dos fatos e analisar aquele acontecimento como um dos mais

belos e corajosos gestos políticos da cidadania recrutando os mais lúcidos representantes da intelectualidade brasileira que marcaram, com a sua presença, as mais variadas tendências da esquerda nacional. Este fato por si só nos convida a tirar algumas ilações sobre a importância do debate político daquela época em que os termos “revolucionário” e “reformista” eram usados com ironia nos nossos bancos acadêmicos. Neste mesmo enfoque, não se podia confundir “revolucionário” com “rebelde sem causa” sem reconhecê-los, respectivamente, pela legítima contradição dialética e pela mera formalidade das idéias. Ainda nesse contexto é pertinente lembrar que, na célebre Passeata do Rio de Janeiro, havia uma aberta disputa programática entre os cartazes e *slogans* das dissidências da esquerda, e quando os radicais gritavam: “*Só a luta armada derruba a ditadura*”, os militantes do Partidão respondiam: “*Só o povo organizado conquista o poder*”. Isto vale dizer que cada grupo disputava no grito a hegemonia daquele extraordinário acontecimento político. Eram já os efeitos das grandes cisões que estavam acontecendo no Partido Comunista. Os primeiros representavam os estudantes que já tinham feito sua opção pelo enfrentamento direto com o regime e sonhavam com uma pátria socialista dirigida pela classe operária. Os segundos encaravam o fenômeno revolucionário como um processo lento onde a ruptura com o sistema e a conseqüente transformação estrutural da sociedade ocorreria como resultado da organização das próprias forças sociais. Uns seguiam a orientação de Cuba e outros, a de Moscou.

Para quem foi um estudante na década de 60 é estimulante recordar que ninguém queria ficar à margem do engajamento político, e era uma ofensa esmagadora ser chamado de “reacionário”, ou seja, ser de direita. Na verdade todo aquele saudável “romantismo” deixou, no que tange à mera postura intelectual, uma imensa saudade. Quem não tinha na parede do seu quarto uma gravura do Che, de Mao ou de Ho Chi Minh? Como ser um autêntico radical de esquerda sem conhecer a “teoria do foco” de Régis Débray, sem conhecer a história da Revolução Russa, sem ter lido os patriarcas do pensamento revolucionário, sem ter compulsado Marcuse, Lukács, Gramsci. Como criticar um reformista sem conhecer os insuperáveis argumentos de Rosa Luxemburgo. Era tudo isso e muito..., muito mais, porque a bibliografia revolucionária era enorme e

também não se podia deixar de ler a nossa brilhante “prata de casa” como Caio Prado Junior, Celso Furtado e Nelson Werneck Sodré.

E eis porque hoje, nesse imenso distanciamento, ao relembrarmos aquele 26 de junho de 68, relembramos também que todos os estudantes brasileiros marcharam, em espírito, com os estudantes cariocas e a Passeata dos 100 Mil ficou na história como uma referência indelével do poder de mobilização dos estudantes e da força que o pacifismo pode ter quando uma ampla frente popular pode ser bem organizada e bem representada. Naquele momento o Movimento Estudantil atuou como o mais legítimo porta-voz da sociedade contra a Ditadura. Ele representava, por um lado, a radicalização de um conflito expresso pelas contradições contidas nas frustrações da classe média emergente em sua busca de um lugar ao sol. Por outro lado representava as tensões crescentes que essa mesma classe média – que em parte apoiou o golpe militar – e a classe operária passam a ter com o poder, cada vez mais agravadas pelo estado de exceção e pelo apoio dos segmentos mais conservadores das classes dominantes. (leia-se a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, apoiando, em 64, o golpe militar)

Embutida neste amplo questionamento estudantil estava também a velha estratégia do capitalismo moreno, sempre empenhado em manter uma política educacional dependente, promovendo uma educação acadêmica alienante ao limitar a capacidade crítica do indivíduo para questionar o mundo em suas contradições sócio-políticas e ideológicas e, conseqüentemente, formar profissionais que se amoldem culturalmente ao sistema.

Por trás dessa invisível feição sociológica o movimento queria, na verdade, mostrar, explicitamente, a sua mais bela imagem: a face despojada do idealismo empunhando pacificamente o lábaro da justiça e da liberdade.

Contudo seus sonhos, legitimados por essa fé e esse compromisso, não puderam se realizar. À medida que o ano chegava ao seu final iam-se esgotando as esperanças de se reconquistar o estado de direito por meios democráticos. O nosso drama político representava as ultimas cenas do seu primeiro ato e a decretação do AI-5 baixou as negras cortinas ante uma platéia assustada. Os espectadores mais atentos não esperaram para ver como seria o segundo ato. Sabiam que ali se apagavam as

últimas luzes da ribalta e somente as sombras iriam invadir o palco da tragédia. Foi a gota d'água para que muitas organizações de esquerda se decidissem pela luta armada. A partir daí a repressão caiu como uma rede sobre a classe estudantil e suas principais lideranças não encontraram outro caminho para a sua militância política fora da clandestinidade. Seus sonhos de mudar o mundo começaram muito antes, quando em 1961 a UNE fundou o Centro Popular de Cultura (CPC) cujo propósito era despertar pacificamente, com a arte, a consciência política do povo. Sob a direção do dramaturgo Oduvaldo Viana Filho foram encenadas dezenas de peças, publicados livros, produzidos filmes e discos e promovidos shows, cursos e debates. Nesta saga cultural sem precedentes da nossa história se engajaram, ao lado de estudantes, artistas e intelectuais, figuras emblemáticas do teatro brasileiro como Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri. Quando as sementes dessa utopia começavam a abrir suas flores e a colher seus frutos com a presença cada vez mais contagiante da população em seus espetáculos, o golpe militar de 64 colocou a UNE na ilegalidade e toda esta fogueira de sonhos e esperanças, cujo imenso clarão iluminou a geração de nossos anos dourados, foi abafada bruscamente pelo manto tenebroso da opressão. Quando no fim de 68 arrancaram das mãos do Movimento Estudantil as suas últimas bandeiras democráticas, não restou a eles outra expressão de bom combate que não fosse a luta armada. O que aconteceu depois todos nós sabemos. Centenas deles foram presos, barbaramente torturados e mortos nas prisões do Regime Militar. Deram a vida para que sobrevivesse um sonho e para que continuassem abertas as trincheiras de luta que escavaram em nome de um homem novo e de um mundo melhor. Esta é a triste memória que a história recente do país tenta resgatar pelos depoimentos dos que sobreviveram, pela escavação dos cemitérios clandestinos e na voz silenciosa dos desaparecidos. Eu bem quisera enumerar aqui os nomes da bravura. Dos que resistiram até o último golpe e caíram aureolados com a coroa do martírio. Mas todos os seus nomes somente podem ser escritos com a dimensão da palavra: *legião*. Porque sempre faltaria ainda um nome ou um codinome de alguém cujo coração materno poderia derramar a derradeira lágrima, motivada pelo meu esquecimento.